

Isabel Margarida Duarte

Teresa Vieira Cunha

Além das secções habituais da revista, este número da *Palavras – revista em linha* reúne um conjunto de artigos que partilham várias características, a mais saliente das quais é serem exemplos de *Investigação jovem*. Por dois motivos: porque é levada a cabo por investigadores muito jovens não só quanto à idade, mas também quanto aos caminhos de investigação trilhados e porque têm, na sua matriz, a vontade de experimentar, de contribuir para a mudança, de dar pequenos passos, talvez tímidos, mas que resultem da pesquisa. Gostaríamos de manter, nos jovens futuros professores, a convicção de que, para ensinar, é preciso também investigar. Queremos que persista, neles, o entusiasmo com que todos realizaram o estágio, o relatório, esta primeira experiência de ensinar e investigar. Com a publicação destes resultados de investigação jovem, pretendemos encetar um diálogo entre quem está nas escolas e estes futuros professores, que se situam à entrada do sistema, com energia, ideias e vontade de nele colaborarem construtivamente.

Os textos dão conta, de forma resumida e parcelar, de relatórios de Mestrado em Ensino com variante de Português, defendidos em novembro de 2019, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Esses relatórios, que pretendemos que sigam, dentro de certas limitações que o modelo de estágio impõe, uma metodologia de investigação-ação, por terem origem no estágio pedagógico (de Português monolíngue ou em conjunto com Espanhol, Inglês e Alemão), são uma primeira experiência de investigação para os jovens professores em formação. Além do acompanhamento essencial que têm por parte dos orientadores cooperantes em cada escola, os mestrandos contam com a supervisão de um ou dois docentes da Faculdade que observam e comentam as suas aulas e com o apoio dos respetivos orientadores (e, às vezes, também de co-orientadores) dos relatórios. Contam ainda com a ajuda de um Seminário quinzenal para a construção do percurso desta primeira investigação.

Os trabalhos partilham uma outra perspetiva comum: a de que os alunos dos Ensinos Básico e Secundário têm de estar, nas aulas, perante tarefas intelectualmente desafiantes. Aprendem fazendo, pensando e não apenas, ouvindo, passivamente, um professor que expõe. Têm de ser ativos e autónomos. E essas qualidades podem ser estimuladas pelo modo como o professor organiza as suas aulas e pelas tarefas que lhes propõe.

Não espere o leitor novidades revolucionárias ou conclusões estridentes. Terá, em vez delas, serenidade, cautela e humildade, pequenos passos que deram bons resultados quanto à motivação e à aprendizagem dos alunos e que os autores sabem que não são generalizáveis. Mas são sinais. Pistas. Dois textos sugerem percursos sobre ensino / aprendizagem da gramática: uma aplicação da metodologia do laboratório gramatical com recurso à gravação áudio (Ana Sofia Cardoso); e como a aprendizagem indutiva da gramática pode ser um caminho para aumentar a atenção na sala de aula (Regina Teles de Melo). Três textos propõem experiências sobre aperfeiçoamento da competência de escrita: uma sobre escrita faseada (Andriana Hamivka); outra sobre a crítica de cinema como estratégia para trabalhar a argumentação escrita (Cláudia Silva); e por fim, a oficina de escrita como estratégia para a promoção da autonomia (Cláudia Eira).

Agradecemos às jovens professoras o entusiasmo com que aceitaram o convite para colaborarem na *Palavras – revista em linha*. Escrevem num número em que uma das docentes responsáveis pela sua formação, Sónia Rodrigues, é entrevistada por dois colegas do primeiro ano do Mestrado em Ensino do Português (o Miguel Correia e a Dariya Antipova): eles curiosos e a colocarem questões pertinentes, a professora a responder com a sabedoria de quem há muitos anos estuda e pensa (bem) sobre o ensino do Português.

Em “101 Palavras para Falar de Livros” - secção destinada à literatura para os mais novos -, a temática dos títulos apresentados é o medo, acompanhado de estratégias para a sua superação, o que se torna particularmente pertinente nos tempos de incerteza que atravessamos. Acerca do último título, *A árvore vermelha*, a rubrica termina com uma nota de esperança “[...] de repente, ali está ela, mesmo à frente, a árvore vermelha brilhante e colorida, calmamente, à ...espera, iluminando-lhe o rosto.”

E porque o tempo presente obriga à mudança nas práticas de docência, neste número, na rubrica *Exempli Gratia* é apresentado o relato de uma experiência de ensino a distância sobre leitura e apreciação de um texto

P

poético numa turma de 6.º ano de escolaridade. E ainda a propósito das adaptações exigidas pelo presente, a secção “Oficina Pedagógica” dá conta de uma experiência intitulada “Ensinar a resumir desde o 1.º ciclo: uma sequência didática para E@D”.

É também o número em que Paulo Feytor Pinto, especialista na área das políticas linguísticas, problematiza as dificuldades que o Português enfrenta para poder vir um dia a ser língua de trabalho na ONU, a propósito do Dia Mundial da Língua Portuguesa, a partir de agora celebrado a 5 de maio, por decisão da UNESCO.

A rubrica “Tempo de Ler” é espaço de maior liberdade no qual os autores dão conta de experiências de leitura, quer de obras de cariz científico, quer de títulos de ficção ou poesia.

Sendo fluidos os estilos escolhidos, bem como as opções, as abordagens podem traduzir-se tanto na referência a leituras de lazer, quanto a recensões ou apreciações sobre obras de cariz técnico e científico.

E é nesse sentido que a atual publicação apresenta ainda uma recensão de Miguel Correia sobre *Como um Romance* de Daniel Pennac, uma leitura da obra *A Batalha das Línguas* de Armando Jorge Lopes feita por Luís Filipe Redes e uma referência ao romance de Afonso Cruz, *Jesus Cristo bebia cerveja*, por Teresa Vieira da Cunha.

Por fim, é ainda o número em que Margarita Correia, outro nome nosso incontornável da reflexão sobre ensino do Português e sobre política de língua, escreve um texto, tão bonito e emocionado, sobre essa figura maior da língua portuguesa que recentemente nos deixou: Maria Helena Mira Mateus.

À docente fundadora da Associação de Professores de Português, é realçada, nesta publicação, a gratidão por se ter sempre mostrado próxima e disponível, ao longo dos 43 anos de existência da APP. Reforçamos a homenagem através da imagem escolhida para a capa deste número, a par da menção à sua coletânea de textos *A Língua Portuguesa, Teoria, Aplicação e Investigação*, na secção “Destaques bibliográficos”. Distinguimos ainda o seu último título publicado em 2018: *Uma vida Cheia de Palavras* de que Filomena Viegas apresenta a sua leitura na rubrica “Tempo de Ler”.

Os testemunhos deixados por muitos dos que tiveram o privilégio de terem sido alunos e amigos de Maria Helena são, por si só, eloquentes, encontrando-se divulgados pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), <http://clul.ulisboa.pt/artigo/homenagem-professora-maria-helena-mira-mateus#Testemunhos>).

Cientes de que o seu legado linguístico continuará vivo, através de gerações, não podemos deixar de concluir o editorial sem a referência a Jorge de Sena, nos versos finais de “Uma pequenina luz”.

Uma pequenina luz bruxuleante e muda
Como a exactidão como a firmeza
como a justiça.
Apenas como elas.
Mas brilha.
Não na distância. Aqui
No meio de nós.
Brilha.